

# OS SUCESSORES



Sandra Russo

# OS SUCESSORES

VOLUME VIII

Edição do autor

São Paulo, 2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

R969s Russo, Sandra

Os Sucessores: volume VIII / Sandra Russo. - São Caetano do Sul,  
SP : Sandra Regina dos Santos Russo, 2021.  
442 p. ; 14cm x 21cm. - (v. III)

Inclui índice.

ISBN: 978-65-00-32335-1

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Aventura. 4. Romance. I. Título.

2021-3781

CDD 869.8992

CDU 821.134.3(81)

**Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira 869.8992
2. Literatura brasileira 821.134.3(81)

*Dedico este livro ao ator Rubens de Falco (in memorium).*

*Agradeço à Mércia Barusso por ter lido todo o manuscrito,  
comentários e valiosas sugestões.*

*Agradeço à Maria de Lourdes Vechia, minha professora de português.*

*Ao amigo Cláudio Feldman pelo incentivo.*

*Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas,  
fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.*



## NO CAPÍTULO ANTERIOR

Xerxes leva uma orquídea “Feiticeira” para Serena e traz o recado de Jardel.

Lorenz, o guardião-mor, confirma Perla como herdeira de Heinz. Ela saca todos os recursos que lhe pertencem comprometendo o equilíbrio financeiro da organização.

Esdras não acata as diretrizes e Mariano tenta matá-lo.

A tentativa de fuga fracassa.

Numa rebelião relâmpago, os presos ameaçam degolar Rogatto.

Os jovens aptos a suceder os pais na seita disputam provas de aptidão física e de lealdade.

Rogatto ganha a liberdade.



## SUMÁRIO

|                 |     |
|-----------------|-----|
| CONVENTO .....  | 11  |
| AQUÁRIO .....   | 50  |
| PAISAGEM .....  | 90  |
| QUADRILHA ..... | 131 |
| XADREZ .....    | 170 |
| OSMOSE .....    | 214 |
| ALVORECER ..... | 258 |
| MATRIZ .....    | 295 |
| CLIMA .....     | 335 |
| DESPEDIDA ..... | 376 |
| OUTONO .....    | 423 |



CONVENTO

Madre Marília caminha apressada pelo corredor sendo seguida por dois representantes da empresa de dedetização.

Ao serem removidos os velhos tacos dos pisos centenas de cupins se mostram com toda a sua voracidade.

Marília não se lembra de ter visto, durante toda sua vida, outros maiores e mais bem nutridos.

Na sua humilde escrivania, também condenada pela praga, Marília recebe o orçamento. O preço é desanimador.

Assim que os técnicos partem ela disca para o prefeito da cidade.

– Cupins?! – indaga Evaristo despachando com Guilherme, que

juntamente com Demétrio e Edgar entrou no acordo fechado com Herlan. Todos tiveram suas vidas poupadas, indo servir temporariamente a chave de Cabo Frio.

– Durante a dedetização terei de arrumar um abrigo para as crianças. Elas não podem ficar expostas ao veneno.

– Marília! Não seja dramática!

– Madre Marília, por favor – repreende-o. Pelo menos uma semana. O telhado está comprometido.

– O Jardel não mandou o dinheiro deste mês? Você precisará descontar das indulgências dele – debocha Evaristo.

– O Dr. Jardel envia suas contribuições pontualmente. Já o prefeito da cidade só pensa na sua reeleição.

– Leve isso – pede Evaristo para Guilherme deixando o fone desguarnecido por breves segundos. Pergunte ao Jardel se ele não está interessado na minha reeleição.

– Você vai me ajudar ou não?

– Verei o que eu posso fazer.

Marília sente que está preste a cometer o pecado da ira.

•

Olímpia se estica demais para estender uma blusa e a peça cai ao mar.

Ela pega um pedaço de pau e tenta puxar o tecido antes que afunde, mas não consegue.

– Não suporto mais isto. Alugue um apartamento – suplica estendendo uma caneca com leite e café para o marido.

– Você vivia se queixando que a casa era grande e dava muito trabalho para limpar.

Ela bate nele com o pano de enxugar os pratos.

Pizzi se defende encolhendo os ombros e abaixando a cabeça.

- Precisarei vender o carro. Todas as nossas economias foram gastas na compra do material de construção para a reforma.
  - Não sei o que você vai fazer Giuliano, mas não podemos ficar nos mudando feitos nômade a cada tempestade.
- Juliana aparece com um saco plástico cheio de peixinhos coloridos.
- Mamãe; olha quantos eu peguei hoje!

•

Deigles coloca umas pulgas d'água para os peixes do imenso aquário que mantém em sua sala.

- É bem relaxante ficar olhando para essa coisa – afirma Beto.
  - Esse anjo eu ganhei da Serena. É um Centropyge. Um dos mais lindos que existem.
  - Uuh! – concorda Beto sem entender nada do assunto.
  - Só que é um peixe muito territorialista – afirma, acomodando-se em sua cadeira giratória.
- André tem a biometria verificada e entra – Mandou me chamar?
- Senta aí – pede Deigles indicando-lhe um lugar ao lado de Beto.
  - Esse seu aquário tá com uma aparência horrível! Precisa de uns Splendidus para comer essas planárias.
  - Que bom que você chegou – desabafa Beto. Estava me sentindo um peixe fora d'água.
  - Preciso estabilizar melhor – justifica-se Deigles olhando para André. Vou adquirir umas Nemateleotris decora.
  - Elas têm a mania de pular para fora do aquário.
  - Eu sei. Acho divertido.
- Beto sente-se invisível.
- O Jardel já se livrou do encosto?
  - Ainda não.



Jardel devolve para Otto as fotos de sua BMW com marcas de projetéis na lataria.

Os vidros da frente e do lado do motorista estilhaçados.

– Onde conseguiu isto?

– Com a companhia de seguros. É de praxe avisar a polícia quando aparece um carro todo furado, mesmo contra a vontade do cliente. Não vai me dizer o que aconteceu?

– Deve ter sido um descuido do guarda-costas.

– Fuzil AK 47?

Jardel sorri com parcimônia.

– O seu cargo não é investigativo, pelo que eu saiba.

– Como teve a BMW perfurada por rajadas de metralhadoras?

– insiste.

– O senhor fez o exame de balística? Temos uma tabela GOST aqui.

– Onde estão as cápsulas?

– Bala perdida – responde irônico.

– Não posso provar, mas para mim aquele bando estava no caminhão cegonha que fechou o seu carro. Esse caminhão foi roubado duas horas antes e o retrato falado condiz com o Gavião e o Búfalo. Nunca mais os viu?

– Nem em sonhos. O senhor se estivesse no meu lugar arriscaria a sua condicional por aqueles desclassificados? Então? – gesticula conciliador.

– E o Pereira?

– O Pereira está lotado no quadro de funcionários e isto foi devidamente comunicado à administração penitenciária. Uma das primeiras providências que eu tomei, ao reassumir, foi firmar uma parceria com a Fundação de Amparo ao Preso Egresso, além

de usar parte dos presos de regime fechado como mão de obra.

– Estou ciente. Os tijolos ecológicos fazem o maior sucesso na penitenciária. Todo mundo quer trabalhar para a construtora do Dr. Jardel. O senhor ficou popular por lá.

– Alegro-me por ter deixado uma boa lembrança.

Jardel vê Fátima pelo circuito interno e destrava a porta.

Ela serve chá com torradas para ele e café para Otto Scherb.

– Soube que corre num clube.

– Três vezes por semana. O Dr. Pizzi conhece – insinua provocativo.

– Não pensei que o prédio da Petra fosse tão sofisticado e de dimensões tão gigantescas. Eu lá naquele cubículo, cercado de marginais, e o senhor aqui numa boa!

– Optou pela carreira policial e queria estar cercado de artistas de cinema? – brinca Jardel tomando um gole de chá vermelho.

A voz de Ivone soa no interfone interrompendo o diálogo.

– Dr. Jardel, a madre Marília, na linha quatro. O senhor atende?

– Claro! – aquiesce Jardel. Bom dia madre. Em que posso ser útil?

Otto percebe a intimidade entre Jardel e a religiosa.

Ele a escuta com atenção – Uuuh! Entendo.

Jardel faz algumas anotações ininteligíveis no risque-rabisque.

– Não se preocupe. Se a prefeitura não tiver para onde deslocar as crianças, nós o faremos. É sempre um renovado prazer – conclui respeitoso recolocando o fone no gancho.

Otto franze a testa – Pensei que o senhor fosse evangélico.

– Não, não sou.

– Mas vivia cercado deles.

– Política de boa vizinhança.

– Então, o senhor é católico?

– Também não.

– Frequenta esse convento?

– Dr. Otto, tenho uma reunião agendada.

Otto termina seu café. Deposita a xícara ruidosamente sobre a bandeja.

– Antes que me esqueça, comentei com o Porfírio que iria me encontrar com o senhor e ele mandou lembranças.

– Se me permite, aproveitarei a sua vinda para enviar-lhe um presente.

– E para o seu amigo Herlan não tem presente?

Jardel fica sério.

– Ah! Já sei. Prefere entregar pessoalmente quando ele sair.

•

Herlan ergue o fone do parlatório.

Está bem disposto e esperançoso que a liberdade condicional tenha sido concedida.

– Espero que tenha boas notícias.

– O seu processo está sendo analisado.

– Não me venha com desculpas. Apresse os trâmites.

– Não posso fazer mágica. Mas temos boas chances.

No canto da sala há um policial de prontidão. Herlan controla-se.

– E quanto ao meu “novo apartamento”?

– Quase pronto.

– Estou louco de vontade de escolher a mobília.

•

Beto dá o seu aval para que os empregados movimentem as tubulações.

Vaz e sua equipe aguardam a demorada operação e depois vasculham os tubos com cães farejadores. Nada é encontrado.

- Tem mais ali adiante – indica Antonio apontando a direção e os homens se deslocam.
- Quando vocês vão acabar essa inspeção? – reclama Beto seguindo-os de perto.
- Não tem hora para acabar. Queremos inspecionar essas estruturas – escolhe Vaz aleatoriamente.
- Pesam toneladas! – protesta Beto inconformado.
- Problema seu. Vire-se.
- Vou... providenciar uns pallets – aquiesce Beto afastando-se. Tomé aproxima-se de Vaz e Antonio.
- Quer saber a minha opinião – declara Antonio sem ser solicitado. Não se trata de drogas. É alguma outra coisa... – diz evasivo, olhando ao redor.
- Que coisa? – demanda Pizzi que acompanha o trabalho dos colegas como observador.
- Sei lá – responde Antonio sem conseguir definir a suspeita.
- Pra que eles disseram que são os tubos mesmo? – indaga Pizzi.
- Aqui no projeto arquitetônico servem apenas para enfeitar as varandas dos apartamentos – analisa Tomé minucioso.
- São milhares de tubos – exclama Antônio cético. Só se eles pretendessem gerar energia solar para todo o município.
- Será que vão montar uma plataforma submarina? – fantasia Pizzi se aproximando dos fatos sem o saber.

•

André atraca o barco e sobe pela encosta acompanhado de Lamartine e Cesário.

Madre Marília os recebe de bom grado.

Seguem-na pelos arcos romanos até um cômodo com móveis rústicos e um crucifixo de metal na parede.

Uma das irmãs serve bolinhos de chuva e chá de hortelã para os convidados.

– Além do telhado e dos dormitórios há cupim nas clausuras e nas demais estruturas de madeira – sumariza André.

– A proposta do Jardel é reformar o convento por completo – prossegue Cesário. Ele gostaria de saber se a senhora concorda.

– Quanto tempo levará?

– Uns dois meses. Nós nos comprometemos a preservar os arcos romanos e a fachada.

– Estamos com mais de cem crianças. O abrigo da prefeitura é pequeno – declara preocupada.

– Alugaremos um prédio condizente no centro da cidade – informa Cesário.

– No centro? – questiona apreensiva.

– Não há nenhum local adequado aqui perto.

•

Miguel Aurélio rebate a bola com o bastão e corre para a próxima base pisando nela antes do defensor.

Com esse lance termina o terceiro inning.

A pontuação sai no placar eletrônico favorável à equipe de Miguel Aurélio. Rosana vibra com o desempenho do filho.

– Ele não é o máximo?! – pergunta para Simone que compra um cachorro quente para Erick.

– Ele é muito bom, mas não entendo nada desse esporte.

– A Naira tá filmando – revela Anaximandro ao ver a movimentação das câmeras de tevê pela lateral do gramado.

– Com esse treino o Aurélio está pronto para ir estudar numa universidade americana e ser bem aceito.

– Quem pode, pode – afirma Fátima pegando seu cachorro quente.

•

Jardel ajeita a gravata e encara André.

O diretor traça uma camisa branca de listas horizontais tendendo para o vermelho e calça gelo.

A gravata no tom prata tem pequenos losangos pretos apenas na borda.

– Quer dizer que a madre superiora concordou com a reforma?

– Sim – responde André.

– Podem marcar a reunião e convocar todas as chaves. O convento cairá como uma luva! – comemora fazendo uma meia-lua com a mão direita. Um local acima de qualquer suspeita.

– Tantos barcos se movimentando para aquela ilha não chamará a atenção? – quer saber André.

– Montaremos um esquema. É temporada de regata, ninguém desconfiará de nada. Embaixo do convento tem uma caverna que servirá como marina – revela Jardel. O local é perfeito – assegura girando um pouco a cadeira executiva para a esquerda.

– Você irá com o seu barco? – pergunta Dreyfus.

– Sim, mas nada de divulgar para os níveis inferiores sobre o evento. Todo cuidado é pouco.

•

O juiz da quarta base resolve um lance polêmico depois de consultar a mesa de arbitragem.

Miguel Aurélio não acata a decisão e discute com ele.

Na arquibancada, os pais se afligem.

– O que tá se passando? – indaga Cesário pondo-se em pé.

Miguel Aurélio retoma sua posição de rebatedor.

A bola é capturada no ar antes de atingir o chão.

Aurélio está eliminado.

Furioso, ele arremessa o bastão ao longe.

•

Dreyfus e Jardel ficam a sós na sala assim que André sai.

– Decidi fazer o meu testamento – comunica Jardel sem delongas.

– Por quê? Está sentindo alguma coisa?

– Estou sentindo que é hora de parar.

– Está depressivo?

Jardel ri.

– Felizmente não. Estou cansado.

– Ruh! Ruh! – desdenha Dreyfus.

– Você está pronto para me substituir.

– Não irá presidir o encontro?

– Claro – responde com naturalidade.

Jardel saboreia o café vagorosamente.

– Mas será a última vez.

– Tem certeza?

– Vou lhe dizer o que esperar de cada um de seus colaboradores e quais você deverá eliminar – diz Jardel recolocando a xícara na bandeja.

•

Na simulação de socorro cardíaco o boneco de Pereira mais uma vez morre, pois ele não consegue manter-lhe a respiração.

– Não adianta – exclama desanimado. Eu não tenho jeito para essas coisas.

– Continue tentando Demóstenes até conseguir – ordena Xerxes.

O Jardel não abre mão que você se habilite como servidor.

- Se eu for socorrer uma pessoa de verdade e ela morrer nas minhas mãos?
- Precisa pegar confiança – estimula-o Olavo. Vou demonstrar mais uma vez. Você tem que massagear aqui à altura do externo, mas não com tanta força. Então, inicie a respiração boca a boca. Pereira segue as instruções.
- Isso é... muito cansativo – resmunga desistindo no meio do atendimento.
- Vamos treinar com dois socorristas. Fica bem mais fácil.

•

A sirene de emergência soa no túnel e os empregados se apressam a deixar o subsolo emergindo para o nível da rua.

Celso tira o capacete e desliza a mão pelos cabelos suados ajeitando-os, experimentando da brisa fresca do amanhecer que aos poucos traz à luz as rachaduras e trincas de alguns imóveis residenciais no entorno da obra. Celso se recorda da visita de um representante da construtora há poucos dias fechando um acordo com os moradores.

– Celso Coelho? – clama uma voz masculina.

Ele se vira e encara o jovem de jaqueta de couro e calça jeans.

– Guilherme Antunes. Eu trabalho para o ex-presidente da Petra, Herlan Sampaio. Podemos conversar um instante?

Celso mede-o num misto de cautela e curiosidade.

Afastam-se uns metros e se ocultam atrás de um amontoado de vigas pré-fabricadas.

– O que o Dr. Herlan pode estar querendo comigo?

– ...lhe dar uma oportunidade única de ganhar muito dinheiro.

– Não estou interessado. Minha esposa está sendo transferida para Cabo Frio para um cargo gerencial muito bom.

- E você? Que cargo o Dr. Jardel lhe concederá? Peão de obra?
  - Sei muito bem que o Dr. Jardel e o Dr. Herlan não se bicam. Não tenho nada para falar com você – afirma dando-lhe as costas e tencionando partir.
  - Vamos abrir uma casa de jogos. Precisamos de um crupiê. Meio milhão...
- Celso retrocede fisgado pela cobiça.
- Aguardamos você hoje à noite – diz deixando-lhe um cartão de visitas.

•

Pizzi se esforça por convencer o potencial comprador. Levanta o capô, frisa o bom estado da funilaria e pintura, dá várias partidas; mas é inútil. O preço não agrada e o Uno continua nas mãos do atual proprietário. Com a adrenalina em alta, o delegado resolve dar um passeio pela orla. Estaciona o carro debaixo de um chapéu de couro. Senta-se num dos bancos de concreto para observar o mar. O sol está começando o se por. Precisa renovar suas energias. Na volta para casa, melhor dizendo, para o barco; terá de enfrentar a esposa e dizer-lhe que ainda não conseguiu vender o automóvel. De repente, nota algumas freiras de hábitos brancos em meio aos banhistas de trajes ínfimos. Driblando guarda-sóis e cadeiras de praia; prosseguem resolutas, seguidas de perto por um batalhão de crianças em fila indiana. A meditação de Pizzi acaba bruscamente. Curioso, ele se levanta e afunda os sapatos pretos na areia fofa,

interpelando uma das religiosas.

– Irmã Carmela! O que está acontecendo?

– Nada – responde a mulher toda sorridente. Estamos dando uma volta para conhecer o bairro e alertar as crianças sobre os riscos de entrar na água sem a supervisão de um adulto. Crianças, este é o Dr. Pizzi. Digam boa tarde para o Dr. Pizzi.

– Boa tarde Dr. Pizzi! – gritam as crianças em uníssono.

Pizzi força um sorriso – Aaaah! Como assim conhecer o bairro?!

– Mudamos para aquele edifício lá da ponta. O senhor não sabia?

Pizzi gira o pescoço mecanicamente na direção apontada.

– É tudo tão moderno! Tem lâmpadas fluorescentes e televisão nos dormitórios! – compartilha eufórica.

– Irmã Carmela; não podemos correr o risco de sermos surpreendidas pelo anoitecer – repreende a irmã Antonieta, sisuda, irritada com a mudança de sua pacata rotina.

– Por que se mudaram? – indaga Pizzi atônito.

•

Uma equipe de servidores atraca ao redor do penhasco logo ao amanhecer chegando em três lanchas potentes.

Em poucos minutos transformam as imediações do convento numa área militar, cobrindo cada metro quadrado e erguendo torres de observação.

Outra equipe diverte-se explorando os túneis secretos do prédio. Antigamente serviam de aqueduto para o convento.

Com a ajuda de mapas escolhem um ponto para a detonação.

Um dos túneis reaberto conduz para uma das cavernas subterrâneas que se comunicam com o mar.

A transformação da gruta numa marina concentra os esforços de um grupo bem afinado de profissionais.

Enquanto alguns se preocupam com a logística, outros cuidam da iluminação e instalação de câmeras.

•

A imagem distorcida enche o visor.

O rosto mais balofo, os olhos espichados.

Celso gira a cabeça e a distorção é corrigida.

Ultrapassa a primeira porta. Escuta a voz vinda da guarita de vidros opacos, pedindo para que se identifique e informe quem o recomendou.

– Celso. Fui enviado pelo Guilherme.

Dentro da residência várias mesas de pôquer recebem altas apostas.

Sentindo o piso aveludado sob os seus pés Celso segue Guilherme pelo cassino clandestino.

•

A servidora dá a mamadeira para Bruce.

Neiva mede a nora dos pés à cabeça.

Gaby está pronta para sair. Traje social. Bem maquiada.

– O marido trabalhando feito um burro de carga e a mulher na gandaia.

– Eu agora sou representante comercial da Petra.

A sogra a persegue escada abaixo – E precisa se enfeitar desse jeito?

– Tenho de me vestir bem.

– Eu sabia que essa promoção iria virar a sua cabeça. O Celso está se sentindo humilhado.

Gaby volta-se irritada – Ele que estude.

– Quer dizer que você não se importa que ele carregue pedras para sustentar esta casa?

– D. Neiva, eu não preciso do salário dele para sustentar esta casa. Boa noite – despede-se rispidamente abrindo a porta e deixando a velha falando com as paredes.

•

O holograma da Monalisa responde às perguntas que crianças e adolescentes lhe fazem.

– Nossa! É o maior barato! – exclama Verônica.

– Vou digitalizar um retrato seu. Quando você não atender ao telefone, eu converso com a sua imagem.

– Bobo!

Na outra galeria Cristo dialoga com os discípulos na Santa Ceia. O realismo impressiona, as figuras interagem entre si e com o público.

– Até nessa história tem um traidor – comenta Lutero sagaz.

– Um traidor homem, naturalmente.

– Claro! Se permitissem às mulheres darem palpites, a ceia ainda não teria acabado.

– Tem razão! Como homens corajosos e decididos tomaram a dianteira, tudo acabou num piscar de olhos. Todos saíram correndo e Cristo foi para a cruz.

Lutero emburra cruzando os braços diante do peito.

O celular vibra.

– Fala pai. Ainda estamos no MASP.

Jardel observa o dia ensolarado através dos vidros de sua sala no décimo quinto andar da empreiteira.

– O Gumercingo pegará vocês. Eu tenho um compromisso.

– Puxa pai! Você prometeu que viria!

- Não dá filho. Alguns representantes desembarcam daqui a pouco. Minha presença é imprescindível.
- Tá! – conforma-se Lutero. Pai? Como é que a gente ganha a discussão com uma mulher?
- A gente nunca ganha – ensina Jardel resignado.

•

- Pela última vez Celso – ameaça Gaby, mãos à cintura. Onde você passou a noite?
- Trabalhando.
- Eu estive na obra e você não estava.
- Vai ver tinha ido dar uma mijada. O que você foi xeretar? Eu é que devia estar cismado com você andando por aí vestida feito...
- Feito o quê? – quer saber Gaby.
- Nada – desconversa. Deixa pra lá. Você agora só pensa em festa, recepção, evento. Vive como se não tivesse um filho pequeno para cuidar – acusa apontando para cima onde fica o quarto do nenê.
- Jamais deixei de cuidar do nosso filho.
- Já chega dessa conversa. Eu vou dormir um pouco. Ele dá as costas para a esposa, subindo as escadas a passos de tartaruga, ombros caídos, jaqueta sobre as costas.
- Ele pensa que me engana com esse ar de coitado – resmungo Gaby para si mesma disposta a colocar tudo em pratos limpos.

•

A água quente encharca a louça suja. Olavo percebe a irritação de Pereira pelo modo desleixado como lida com a cerâmica, descascando algumas tigelas com slogan da Petra.

– Tá tudo bem aí, companheiro?

Demóstenes Pereira ensaboa mais alguns pratos.

Funcionários renovam a pilha interminável em progressão geométrica.

– O Jardel disse que eu iria trabalhar com ele – queixa-se ressentido. Um dia carrego saco de cimento, noutro lavo louça.

Olavo ri – É assim mesmo. Ele está testando a sua submissão.

– Ele não me quer como seu guarda-costas – afirma entristecido.

– Não perca o ânimo por tão pouco.

– E quanto a você? O Jardel teve tempo suficiente para testá-lo?

– Aprimoramento periódico. Para não se sentir superior aos demais.

Pereira fecha a torneira e encara Olavo.

– Até quando isto? Eu estou de saco cheio!

•

Herlan pega seus pertences na triagem e cruza os portões da penitenciária. Um carro está à sua espera.

Edgar e Guilherme lhe passam um celular, óculos escuros e uma pistola automática que ele oculta na cintura.

– Descobriu onde será a reunião?

– No convento.

– O Jardel e suas inclinações cristãs – parafraseia irônico.

•

Alguns barquinhos encostam próximos às boias de contenção e a colheita manual das algas vermelhas começa.

O cultivo da *Kappaphycus alvarezii* visa a produção da carragena, substância usada como gelificante e espessante na

indústria alimentícia.

Os maricultores são, no entanto, servidores que patrulham as águas próximas ao rochedo onde se situa o convento.

Enquanto alguns retiram as algas maduras do oceano, outros observam o movimento no entorno do antigo prédio, bem como em todas as suas vias de acesso.

O local era remotamente uma ilha que um istmo artificial uniu ao continente.

De seu posto privilegiado de observação, junto a um dos velhos arcos romanos, Gualtier nota que um carro parou junto à cancela.

O motorista desce e passa a discutir com dois vigias.

Imediatamente Gualtier entra em contato com Dreyfus pelo walk-talk.

– Dr. Dreyfus, aquele delegado da civil está na cancela.

Dreyfus acompanha os trabalhos na gruta, onde os pontos de atracação para as embarcações estão sendo concluídos.

Toma o rádio das mãos de Lamartine.

– Deixe-o matar a curiosidade.

Gualtier acompanha o deslocamento do Uno.

O carro ultrapassa a cancela, avança pelo istmo e estaciona no pátio interno do convento.

•

O grupo pratica rapel de cachoeira com entusiasmo.

Qiang e Magda são os primeiros, seguidos por Murilo, Felipe, Ugo, Adriana, Vanessa, Rosana, André e Perla, Kate e Enzo.

– Que delícia! – exclama Kate ao atingir o solo.

Rosana solta o oitão – É um dos esportes que eu mais gosto.

– Muito bom – concorda Qiang olhando para cima.

Lutero, Verônica, Diogo, Diego, Esdras, Miguel Aurélio e Marcos

Breno estão prontos.

Manfred é um dos instrutores.

A descida é concluída sem percalços e os jovens são cumprimentados pelos mais experientes.

Finalmente é a vez de Pereira.

Ele olha para baixo pálido como uma açucena.

São trinta metros. Seu estômago embrulha.

– Vamos descer bem devagar – assegura Xerxes.

No meio do percurso Pereira pensa em desistir.

Olha para a queda d'água imponente e ruidosa.

Nalguns trechos parece querer arrastá-lo com seus jatos frios.

Urina na roupa.

Não sabe como escuta o restante das instruções.

Quando se dá conta, ele e Xerxes completaram o desafio.

O celular de Esdras toca.

– Onde vocês estão? – pergunta Rogatto enfurecido.

– Em Brotas praticando rapel. É da hora!

– Você deveria ter me avisado que não passaríamos o dia no clube.

– Decidimos de última hora.

Rogatto suspira – Está bem. Eu espero você no hotel.

Rogatto desliga o celular e olha para a Avenida Paulista.

Poucos carros fazem o cartão postal destoar dos dias de engarrafamento.

Deixa o quarto e toma o elevador.

No piso térreo; representantes da mineradora inglesa aguardam-no.

Ele, Urbano e assessores compõem a mesa de negociações.

– Seu prazo acabou – inicia o inglês disposto a resolver o impasse.

– Gostaríamos de formalizar uma contraproposta – diz Urbano esperançoso. Pagaremos os juros que determinarem.

O inglês ostenta uma expressão inexpugnável.

- Lamento: ou quitam a dívida até amanhã ou vendem suas ações. Rogatto extravasa sua frustração em alto e bom som.
- Não venderei minhas ações para vocês nunca! Prefiro reduzi-las a pó! Seus aproveitadores miseráveis!
- Urbano se aproxima e apela para o bom senso de Rogatto.
- Não adianta. Fomos esmagados.

•

O barulho cadenciado de pedras sendo desmontadas e aplainadas confunde-se com o das ondas.

Aproximando-se um pouco mais, Pizzi nota três operários num andaime junto aos arcos romanos restaurando cuidadosamente um mosaico.

Ao contrário da atitude hostil e precavida dos seguranças na entrada da cancela, ali ninguém se importa com ele.

Inquieto, ele escala pedras e entulho, engole poeira na mesma proporção de algumas roseiras abandonadas à própria sorte.

Sobe por uma trilha para chegar-se ao andaime.

– Hei? – grita uma duas vezes para ser ouvido.

Um dos restauradores olha para baixo.

Pizzi gesticula pedindo que ele desça um instante para falar com ele.

O operário resiste à sugestão, buscando no horizonte alguém que possa cumprir essa tarefa.

Como não encontra, desce morosamente as escadas.

– Ah! Está ficando muito bonito! – elogia Pizzi contemplando uma pequena frisa pronta. Gostaria de falar com o mestre de obras.

– Lá do outro lado – aponta o rapaz tornando a galgar o andaime como se ninguém o tivesse importunado.

Pizzi segue a direção indicada.

Na segunda coluna é surpreendido pela equipe de dedetização usando máscaras e aplicando produtos por toda parte.

Paredes, portas e vigas são perfuradas para colocação de veneno. Nervoso, um dos funcionários o retira do local e remove sua máscara.

– Quem chamou o senhor aqui? Está querendo ficar doente?!

– Eu vim por iniciativa própria.

– Só dá louco nesse mundo! – desabafa o rapaz voltando a proteger o rosto com a máscara e a se concentrar no trabalho.

Pizzi nota o logotipo da terceirizada na camisa dele.

– Ah! Catavento Demolição e Restauração, eu conheço essa empresa. Sabe me dizer quem encomendou esta reforma?

•

Lorenz deixa a alfândega do Aeroporto Internacional de Guarulhos com Henri à frente empurrando seu carrinho de bagagem.

Juliet, a filha de Henri, é a primeira a surgir na calçada.

A BMW verde água estaciona suavemente.

O próprio Jardel veio apanhá-los.

No interior do veículo Jardel e Lorenz se saúdam ritualmente.

– Guardião, meus cumprimentos! – fala Henri inclinando-se respeitosamente. Alegramo-nos em revê-lo.

Dalcídio pega a alça de saída rumo a Rodovia Ayrton Senna.

– As demais chaves chegaram? – pergunta Lorenz ansioso.

– Cédric e Duvalier ontem. O Soren e o Steve estão a caminho.

– O local do encontro está pronto?

– Dentro do cronograma.

A BMW chega à casa de Jardel estacionando no semicírculo de

pedra que emoldura o jardim, na parte frontal da mansão. Enquanto Dalcídio cuida da bagagem, os hóspedes seguem Jardel pelo hall de entrada, todo em mármore verde escuro e entram pela porta de carvalho da sala, que fica sob uma pérgula.  
– Fiquem à vontade. O Monteiro lhes mostrará seus aposentos. Monteiro inclina-se reverente.

•

Pizzi olha para trás antes de entrar novamente em seu carro. Atravessa o istmo e o convento vai ficando distante. O deslocamento do Uno é monitorado por binóculos. Pelo rádio, Gualtier avisa André que o delegado da civil se afastou. Poucos quilômetros depois, o carro de Pizzi apresenta defeito. Ele tenta dar a partida várias vezes, sem sucesso. Ao tentar usar o celular, nota que a bateria descarregou. Desce do carro. Num acesso de raiva chuta o pneu dianteiro.

•

Rogatto consolida a venda das ações.  
– Foi melhor assim Mr. Rogatto – sacramenta Brown com o seu forte sotaque, enquanto seu secretário confere todas as vias.  
– Melhor para quem? – demanda Rogatto amargurado.  
– Melhor para mim – anuncia Deigles mostrando-se.  
Rogatto busca uma explicação encarando o inglês que sorri cínico.  
– Brown adquiriu suas ações e acabou de revendê-las para mim.  
– Que golpe sujo é esse? – queixa-se Rogatto pondo-se de pé.  
– Eu e Elizabeth somos agora os sócios majoritários das Minerações Coolidge. Concedo-lhe dois dias para desocupar a

sede da empresa.

Rogatto fica momentaneamente sem ação, patético, aturdido.

– Seu... velhaco! Cafajeste! – explode Rogatto vindo por cima do Presidente da Petra e sendo contido por Urbano.

– A riqueza fez mal para você, Rogatto – decreta Deigles vitorioso. Volte para a sua vidinha medíocre.

•

Pizzi acorda com dores nas costas.

Dormiu dentro do carro. O corpo está todo dolorido.

O canto forte dos pássaros chega a incomodá-lo como se tivesse de ressaca. Sua cabeça pesa.

Pensa em Olímpia que deve estar aflita.

Ele desce do veículo e alonga os músculos.

O jeito é andar a pé pela estradinha de terra.

Na direção da cidade ou na direção do convento?

•

Cabo Frio e São Pedro da Aldeia estão em polvorosa.

Competidores e patrocinadores fazem os últimos preparativos.

Os técnicos de filmagem disputam as tomadas das paisagens deslumbrantes, que serão editadas para um especial esportivo.

Repórteres escutam especialistas sobre a chance de vitória de cada equipe nas diversas modalidades.

O prefeito Evaristo abre a regata regional sendo ovacionado pela multidão que lota o ponto de largada.

Depois retorna para junto de sua equipe administrativa para a

qual passa algumas instruções. Aproxima-se da esposa.

Herlan o acompanha. Remove os óculos de sol.

– Estaremos ausentes por cerca de cinco horas – informa para Hortência.

– Não se preocupe. Você estará bem representado meu amor!

Farei a minha parte. Vejamos se vocês dobram o Jardel.

Herlan sorri – Dobraremos. Ou por bem ou por mal.

– Vamos! Não quero perder essa reunião por nada.

•

Pizzi continua sua maratona.

Deve ter andando uns dois quilômetros e ainda nada de avistar o convento.

Ele se arrepende de não ter optado caminhar no sentido inverso.

Um carro trafegando em alta velocidade passa erguendo uma nuvem de poeira que chega a encobri-lo.

Ele tosse repetidamente.

Onde aquele maluco pensa que vai?!

Tirar o pai da força? Está atrasado para quê naquele fim de mundo?

•

No entorno do convento a colheita de algas é simulada todo o tempo, enquanto a cada quinze minutos, um barco de pequeno porte desaparece entre os rochedos.

No interior do prédio centenário uma sala de conferências com todo o aparato tecnológico foi erguida do nada.

Os representantes das chaves que compõe o edifício ritualístico vão chegando aos poucos e tomando os seus assentos onde dispõe

de fones de ouvido para tradução simultânea.

As mesas estão ordenadas na forma de uma fechadura, sendo que a chave anfitriã ocupa o setor norte.

O guardião que presidirá o encontro é ansiosamente aguardado para dar início à reunião.

•

A Regata Transararuama transcorre tranquilamente.

Este ano promete ser a grande revanche da Petra e a Granel Flowers.

Ugo e Murilo tomam a dianteira na classe Hobbie-Cat 14.

Anaximandro e Bira estão em terceiro lugar no dingue enquanto Magda e Rosana disputam novamente na categoria laser dupla; desta vez com sistema GPS.

Ao mesmo tempo em que cobrem o evento, os servidores vigiam para que ninguém tome a rota do Penhasco dos Milagres, a pequena ilha onde se localiza o convento.

•

Dreyfus chega na cancela com o seu Bugatti Veyron.

Cruza o istmo e oculta o veículo de fibra de carbono e alumínio por detrás dos altos muros do pátio.

Ele e Deigles descem do automóvel, acompanhados por Lamartine e Rafael.

– Quer dizer que o Rogatto ficou a ver navios?

– Precisava ver a cara dele meu filho! Foi hilário.

– Não tem perigo dele retomar o controle dessas ações?

– Com que recursos? De quebra colocamos o Esdras no seu devido lugar.

•

Esdras passa pela recepção do hotel, entra no elevador e aperta o número doze. Sai no corredor acarpetado cantarolando.

Encontra Rogatto arrumando as malas.

– Vendi as ações. Perdemos tudo. Exceto a casa em Goiânia.

– Você tá brincando?!

– Não, não estou. O seu tio Deigles e a sua tia Elizabeth conseguiram.

– Espera aí! Você desistiu?

Rogatto dobra mais uma calça.

– Era a venda ou a falência. Você sabe como as coisas estavam difíceis.

– Eu tenho direito de metade do que pertenceu à minha mãe e ao meu pai na chave. Deve ser uma boa grana. A gente compra essas ações de volta – diz Esdras disposto a lutar.

Rogatto esboça um sorriso de resignação – Deixa pra lá.

– Como é que a gente vai viver?

– Não se preocupe. Eu encontro alguma coisa honesta para fazer.

•

Vindo a pé pelo flanco mais acidentado do penhasco Pizzi passou despercebido.

Ele se oculta por detrás da vegetação e observa um estranho fenômeno: lanchas desaparecem como se fossem naves fantasmas e sem neblina para camuflá-las.

Decidido a desvendar o mistério, ele encara o desafio de escalar o rochedo sem contar com nenhum equipamento.

•

O Lagoon 440 de Jardel fundeia na enseada próxima ao penhasco. Derek e Xerxes checam suas pistolas.

- Venha também Pereira – ordena Jardel.
- Ele é novato chefe – lembra-o Xerxes.
- Ele fica na cobertura externa.
- O que viemos fazer nessa ilha? – questiona Pereira.
- Sem perguntas. Você está aqui única e exclusivamente para garantir minha integridade física.
- A lancha está pronta senhor – informa Manfred.
- Vamos – ordena Jardel secamente.

•

Pirandello ocupa o seu lugar a oeste da fechadura sagrada, tendo Anderson de Brasília à sua esquerda e Vanderlei de Foz do Iguaçu à sua direita.

Herculano senta-se ao lado de Desiré Felician da Suíça.

Perla e Cilene ao lado de Margot da Alemanha e Kirsén da Dinamarca.

Deigles e Dreyfus acomodam-se na mesa ala de Henri, Juliet e Lorenz.

Awsfêber e André ladeiam Cédric e Duvalier da França.

Marcos e Cesário recebem os representantes dos cinco países latino-americanos convidados: Chile, Argentina, Colômbia, Suriname e Guiana.

Um clima de mal-estar se instaura com a chegada de Evaristo e Herlan.

Finalmente soam as trombetas anunciando a chegada do guardião da chave paulista que conduzirá o encontro.

Jardel surge com os trajes ritualísticos fazendo-se acompanhar de Soren e Steve da Austrália.

O trio ocupa os lugares de honra correspondentes a ranhura da fechadura.

As portas se travam.

•

Olímpia solta o cinto de segurança de Juliana, sua filha de seis anos, deixando-a na escola e ruma para a delegacia de Cabo Frio em que o marido trabalha. Cláudio deixa a mesa para recebê-la.

– O celular dele continua desligado?!

– Não se aflija tanto – pede Ataulfo. Passei um alerta a todas as viaturas. Se algo mais grave tivesse acontecido, a essa altura, nós já saberíamos.

•

Pizzi olha para baixo por um breve segundo.

As ondas chocam-se contra as rochas a intervalos regulares.

Ele torna a olhar para cima. Não falta muito para alcançar o topo.

Lembra-se do tempo em que serviu no corpo de bombeiros.

Conseguia subir uma encosta descalço, usando apenas as mãos.

A simulação de socorro também exigia que se nadasse carregando um paralelepípedo, e isto, depois de ter corrido por mais de vinte quilômetros.

Era o ápice do resgate de uma vítima de afogamento.

Os anos passaram. Ele não tem o mesmo fôlego.

Não está em traje de banho, mas de terno e gravata.

Não aguenta escalar meros dez metros.

O coração reclama. Os batimentos se aceleram.

As mãos suadas deslizam pelas rochas pontiagudas.

Os pés falseiam.

De repente, o inevitável: Pizzi escorrega quase caindo no precipício. Além das escoriações, sente uma dor aguda no tornozelo esquerdo ao tentar levantar-se.

Na segunda tentativa depara-se com três homens, armas apontadas para o seu peito.

•

Rogatto dá uma gorjeta para o carregador de bagagens e o motorista do táxi fecha o porta-malas. Emburrado, Esdras entra no Vectra branco.

– Não vou me despedir dos meus amigos?

– Que amigos Esdras?

O taxista observa as fisionomias alteradas pelo retrovisor.

– Se a gente for agora pega o fim da regata.

– Eles acabaram de nos passar a perna!

– O Lutero, o Diego e o Diogo não tem nada a ver com isso.

– E daí? Você precisa se afastar dessa gente. Esquecer que eles existem porque é o que eu pretendo fazer.

•

Pizzi, com as mãos laçadas às costas por algemas de plástico e de olhos vendados, é arrastado para uma reentrância da gruta.

A dor do tornozelo se irradia pela perna inteira.

Jogam-no violentamente de encontro ao chão rochoso.

– É para vigiá-lo? – pergunta Pereira, ainda pouco habituado às normas do edifício.

– Por mim mandava ele pro outro mundo agora mesmo – coloca Ramsés sempre pronto a resolver as coisas pela via mais radical.

– Temos de falar com o chefe – pleiteia Manfred olhando mais

uma vez para o homem dominado, cujo joelho esquerdo sangrou bastante.

– Vai interromper a reunião? – questiona Ramsés.

– Tá querendo me ver morto? – retruca Manfred. Fiquem de olho nele. Enquanto vocês fazem ele dar o nome dos comparsas, eu reforço a equipe externa.

– E como a gente extrai essa informação? – demanda Ramsés ávido por torturar o intruso.

– Não deve ser muito difícil. Ele tá machucado – revela Manfred pressionando o pé esquerdo de Pizzi e fazendo-o urrar de dor.

•

Jardel tem a palavra.

– A usina de dessalinização será uma realidade dentro de poucos meses. É um mega projeto com custos imensos.

– E lucros imensos também – aparta Herlan.

– Conforme acordamos... – prossegue Jardel sendo traduzido simultaneamente para vinte e oito idiomas – os lucros serão divididos pela matriz.

– Quem me garante a idoneidade da operação? – protesta Herlan.

– O município cedeu as terras – acrescenta Evaristo.

– Terá o devido retorno em impostos e royalties – corta-o Jardel.

– E as minhas propriedades? – demanda Herlan com o nítido propósito de tumultuar.

– Não respondem nem a três por cento do investimento.

Herlan protesta – Não concordo com essa porcentagem. O guardião se aproveitou do meu aprisionamento para determiná-las.

– Inclusive já foram devidamente quitadas.

– Prove o que está dizendo Jardel! – desafia-o na frente de todos.

– Serei obrigado a pedir que se retire. O senhor sequer foi convidado para este encontro.

– Muito engraçado: decide sobre o meu patrimônio e pretende me deixar de lado.

Steve cochicha algo ao ouvido de Jardel.

– Faremos um intervalo de quinze minutos – anuncia o guardião.

•

Os velejadores da Granel Flowers assumem momentaneamente a liderança na categoria laser.

Lanchas de apoio da capitania dos portos acompanham cada etapa da prova e informam constantemente sobre as condições do vento e da maré, que mudaram nesta meia hora. O mar ficou agitado.

Nas encostas do Penhasco dos Milagres, o ponto mais setentrional da baía, as ondas começam a bater com ímpeto sobre os rochedos. Nas reentrâncias da marina montada para o encontro, Jardel segue Manfred e encontra Pizzi nocauteado no solo.

– Como ele apareceu aqui?

Mesmo estando de olhos vendados Pizzi reconhece a voz de Jardel.

– Escalou o paredão com as mãos. Acredita?! – relata Ramsés.

Jardel suspira contrariado e cruza os braços diante do peito.

– Ele está sozinho?

– Tudo indica que sim. Ainda não sabatinei ele direito.

– Remova a venda.

Ramsés se agacha e tira a venda dos olhos de Pizzi.

Ele leva alguns segundos para se acostumar com a claridade.

– Ajude-o a sentar-se. Pereira traga um pouco d'água.

Jardel checa as horas.

O intervalo está quase no final.

– Ele estava com esse documento – reporta Ramsés passando uma xerox reduzida para as mãos de Jardel.

Jardel estica o papel. Deigles e Dreyfus se aproximam.

– Ah! A planta da reforma da casa dele que nós demolimos. Eu fico com isto – diz dobrando novamente a folha e pondo-o no bolso interno da jaqueta.

Pizzi fulmina-o com o olhar. Pereira chega com a água.

– Interceptamos o rádio da polícia – atualiza Dreyfus. Estão tentando localizar o Uno. A porcaria do carro estava na estrada, três quilômetros à frente do istmo. Recolhemos para o pátio.

– Pode ter havido alguma testemunha – pondera Deigles. Há muitos pescadores na vila.

– Ramsés, se ele fugir, será a sua vida pela dele – avisa Jardel.

– Vou quebrar a perna dele então...

Jardel o impede com um gesto.

– Não é necessário. Tanta violência pode afetar o senso de justiça do Dr. Pizzi. Acho melhor pouparmos o delegado de emoções tão fortes – observa com ironia.

– Seu canalha!

•

O torneio de ultimate frisbee reúne uma multidão na Praia do Foguete.

Considerado a sensação do momento, a modalidade atrai curiosos de toda parte, ávidos por conhecer mais desse esporte tão prazeroso, de muita competitividade.

O disco amarelo de cento e setenta e cinco gramas rodopia no ar. Os atacantes da Granel Flowers disputam a torta com a equipe rival da Petra. Kate corre para interceptar o disco na zona de gol,

mas não chega a tempo. As sete jogadoras da Granel comemoram o tento.

Simone tem a posse do disco.

Arremessa para Amanda antes de completar os dez segundos.

Amanda lança para Gaby, Gaby para Adriana, que faz o pivô e arremessa para Zulma marcar o gol da vitória.

A equipe feminina da Petra se classifica para a final.

Abraços emocionados. Pausa para se refrescar e repor as energias enquanto o adversário se prepara para voltar à quadra de areia.

•

Esdras e Rogatto desembarcam no aeroporto de Cabo Frio discutindo.

Param defronte do balcão da locadora de carros.

– Não acredito que eu concordei com mais esta maluquice sua!

– Você tem um milhão de milhas acumuladas.

– Não se trata disto Esdras!

– O que de tão urgente você tem que fazer em Goiânia? Não apita mais nada mesmo – desdenha dando de ombros.

– Ah! Você acha que eu sou um banana! Que eu não fui capaz de administrar a empresa, que sou incompetente.

– Não disse isso – defende-se Esdras.

– Da cadeia não deu para acompanhar o desempenho das ações.

A funcionária da locadora arregala os olhos.

– ...a cadeia... produtiva, nem as exportações... – disfarça Rogatto.

– O senhor pode assinar aqui? – pede a balconista.

Esdras apanha as chaves e brinca de malabarista com as mesmas.

Lança-as para o ar e pega novamente o molho nas mãos.

Rogatto retira as chaves das mãos dele – Eu dirijo.

•

Jardel retoma as rédeas da conferência secreta.

– Uma vez que a cota de diamantes foi reestruturada, gostaria de aproveitar o aparte do guardião do Rio de Janeiro para indiciá-lo nos artigos 6.2.18 da nossa convenção, por ter atentado contra a minha vida.

Ouvem-se interjeições de espanto aqui e acolá.

– Se ele pensa que me intimidará, está muito enganado – comenta Herlan em voz baixa com Evaristo.

– E proponho... – prossegue Jardel – que a chave coreana arbitre o caso.

•

A equipe masculina da Petra se aquece de um lado, a equipe do estaleiro do outro.

– Estamos quase chegando Lutero – informa Esdras pelo celular.

– Se vocês se apressarem ainda pegam um jogão. Petra x Vikings.

– O Rogatto me deixará aí em frente.

– Tá bom. Eu te espero.

Esdras desliga o telefone.

– Você tinha combinado tudo? – pergunta Rogatto, enormes óculos de sol de lentes arroxeadas a proteger-lhe os olhos.

– Tinha – confessa Esdras.

– Quer dizer que além de eu ser usado pelo Deigles e companhia limitada, meu filho adotivo também me manipula.

– Não foi com essa intenção. O Lutero é meu amigo.

– Esdras, o Lutero é um fingido! – grita Rogatto.

– Também não exagera. Só porque você não tem amigos, eu não tenho de me trancafiar numa gaiola.